

O Nacionalismo de extrema-direita de Ferdinando de Carvalho

Ferdinando de Carvalho's far-right nationalism

Ricardo Antonio Souza Mendes*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 16 jul. 2020.

Aprovado em: 12 out. 2020.



* Professor Associado de História da América no Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado em História da América pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). Desde 2015 é Coordenador do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Política (PPGH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Participa do grupo de Pesquisa Brasil Republicano que congrega pesquisadores em História Cultural e Política (BR-PEHCP). Investigador Associado do GT da ANPUH e do GRPESQ "Direitas, História e Memória". (rasmric5@gmail.com)

Resumo

Nos anos da transição, a sobrevivência de um projeto autoritário pode ser identificada nos escritos de Ferdinando de Carvalho. Um dos propagadores da noção de Guerra Revolucionária nos anos 1950, escreveu em uma série de revistas militares nos anos 1960 e ministrou várias palestras na ESG nos anos 1970 e 1980. Participante do Grupo Secreto, que realizou atentados a partir da segunda metade da década de 1970, simultaneamente Carvalho publicou diversos livros empenhando-se na difusão da ideia de que a ameaça comunista ainda persistia de forma perigosa. Analisando alguns dos escritos de Ferdinando de Carvalho ao longo de sua trajetória, considero o seu ideário como representativo da extrema-direita nacionalista brasileira daquele período.

Palavras-chave: Ferdinando de Carvalho. Regime Civil-Militar. Extrema-Direita. Nacionalismo.

Abstract

In the transition years, the survival of an authoritarian project can be identified in the writings of Ferdinando de Carvalho. One of the propagators of the notion of Revolutionary War in the 1950s, he wrote in a series of military magazines in the 1960s and gave several lectures at the ESG in the 1970s and 1980s. A member of the Secret Group that carried out attacks from the second half of the 1970s, at the same time Carvalho published several books working on the spread of the idea that the communist threat still persisted in a dangerous way. Analyzing the writings of Ferdinando de Carvalho throughout his trajectory, I consider his ideology as representative of the far-right Brazilian nationalism of that period.

Keywords: Ferdinando de Carvalho. Civil-Military Regime. Extreme Right. Nationalism.

Nos anos 1980, momento em que os Regimes Civil-Militares¹ estão em ocaso, diferentes projetos políticos foram gestados na América Latina. Uma dessas propostas pode ser caracterizada pela denominação de "Formalismo Democrático". Influenciado por "concepções schumpeterianas (...) que reduzem a democracia a uma questão de método", apresentavam-se dissociadas dos "fins, valores e interesses que animam a luta dos atores coletivos".² As preocupações desse projeto estariam direcionadas quanto aos aspectos procedimentais do sistema democrático, fundamentalmente, a ocorrência de eleições periódicas para o executivo e o legislativo. A centralidade conferida a um conjunto de mecanismos de caráter institucional e sem maiores questionamentos quanto à cidadania social e econômica fez com que os que defendiam o projeto político neoliberal se aproximassem desta proposta.

De outro lado, e polarizando o debate com a proposta acima, observa-se um projeto denominado por alguns como "Democrático-Participativo". A ideia de democracia encontra-se, aqui, associada à noção de "compartilhamento do poder decisório do Estado", onde a participação da sociedade civil é fundamental para assegurar a afirmação de uma "noção de política ampliada"³. Essa perspectiva vinculava-se a uma ideia de cidadania que designa uma sociedade ordenada por relações presididas por matrizes culturais mais igualitárias. Se, por um lado, estava presente nessa proposta a preocupação com "um conjunto de regras certas do jogo" que permitam a institucionalização do processo democrático, de outro, e com um peso equivalente a esta primeira questão, observava-se uma busca pelo "*fortalecimiento de los niveles de representación y participación de la sociedad*".⁴

Por último, e acompanhando ao largo a dicotomização acima indicada, cito aqui o "Projeto Autoritário". Considerado por alguns analistas como uma proposta que não galgaria maiores atenções naquele momento, colocava-se como uma opção a assombrar as duas principais

¹ As articulações que culminaram com a derrubada de governos constitucionalmente eleitos nos anos 1960/1970 na América Latina não foram desenvolvidas tão somente por setores autoritários das Forças Armadas, influenciados pela Doutrina de Segurança Nacional. Organizações empresariais e diversos partidos políticos participaram ativamente dessa mobilização, respaldados e instigados pela grande mídia na Argentina (El Clarin e La Nacion), no Brasil (O Globo e O Estado de S. Paulo) e no Chile (La Razon e El Mercurio). A título de exemplo, na historiografia brasileira autores como Ricardo Mendes, Lucilia de Almeida Neves, Jorge Ferreira, Denise Rollemberg e Janaina Cordeiro utilizam-se da denominação "civil-militar" para caracterizar o período da ditadura que se estabeleceu no Brasil após 1964.

² BORÓN, Atilio. *Estado, Capitalismo e democracia na América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 8.

³ DAGNINO, E.; OLVERA, A. J.; PANFICHI, A. (orgs.). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra; Campinas: Unicamp, 2006, p. 48 e 53.

⁴ GARRETÓN, Manuel A. Democratización y nuevas relaciones Estado-Sociedad en América Latina. In: GARRETÓN, M. A e GUGLIANO, Alfredo A. (orgs.) *Democracia en las Américas: desafíos, peligros, expectativas para el siglo XXI*. Pelotas: Educat, 2003, p. 21.

alternativas acima descritas e presentes no início do período pós-autoritário. Como traços fundamentais, pode ser indicado que este projeto estava calcado na limitação, ou eliminação completa, do funcionamento das instituições democrático-liberais. O Estado apresentava-se centralizado, forte e com traços personalistas, não reconhecendo o espaço da sociedade civil ou, minimamente, relacionando-se verticalmente com esta através de práticas como o clientelismo, a cooptação e a violência. Nessa proposta, ao Estado era reservado o papel tanto da concessão seletiva de direitos sociais quanto da distribuição seletiva de renda. O princípio da cidadania e os direitos políticos apresentar-se-iam limitados. Embora essa proposta não estivesse presente com a mesma força que desfrutou ao longo das décadas de 1960 e 1970, muitos são os que consideram que esse projeto não foi residual nos anos 1980, uma vez que políticos autoritários não abandonam rapidamente suas restrições⁵

Optei por assinalar algumas das estratégias e do ideário adotados por segmentos que partilhavam desse último projeto político, mais especificamente a extrema-direita nacionalista no Brasil. Com essa intenção, proponho avaliar a produção e trajetória do militar Ferdinando de Carvalho, oficial que apoiou o movimento⁶ de 1964, exerceu funções relevantes ao longo da ditadura e foi possuidor de um de capital simbólico de significativa influência nesse meio que perdurou, minimamente, até princípios da década de 1980. Em fins dos 1970 e princípios dos 1980, momento que parcela da historiografia denomina por anos de transição entre a ditadura e a democracia no Brasil⁷, Carvalho vinculava-se, junto com outros civis e militares, a um nacionalismo de extrema-direita.

⁵ OKUNEVA, Ludmila. Democracia en América Latina: particularidades y contradicciones. In: GARRETÓN, Manuel A; GUGLIANO, Alfredo A. (orgs.) *Democracia en las Américas: desafíos, peligros, expectativas para el siglo XXI*. Pelotas: Educat, 2003; e AVRITZER, Leonardo. Cultura Política, atores sociais e democratização - uma crítica às teorias da transição para a democracia. In: 37º encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindoia, 2013. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_09.htm. Acesso em: out. 2020.

⁶ O termo "movimento" está associado a algo que "engendra a ação e a militância de grupos organizados". Utilizado por Patto Sá Motta em sua tese de doutoramento de 2000, posteriormente publicada. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002, p. 11. O termo também é adotado por Mendes em sua tese de doutoramento de 2003. Ver: MENDES, Ricardo A. S. *Visões das Direitas no Brasil (1961-1965)*. 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Introdução.

⁷ SKIDMORE, Thomas. *Brasil - de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; OLIVEIRA, Eliezer R. *De Geisel a Collor - forças armadas, transição e democracia*. Rio de Janeiro: Papirus, 1994; KINZO, Maria D'Alva. A democratização brasileira - um balanço do processo desde a transição. In: *São Paulo Perspec.* vol.15 no.4. São Paulo, out./dez,2001.

A extrema-direita na América Latina e no Brasil

Analisando a extrema-direita, Bobbio⁸ e Boissard⁹ consideram que essa se vincula com uma perspectiva catastrófica de História, em função da compreensão de que o processo histórico se desenvolve através de saltos qualitativos. Esses saltos, por sua vez, garantiriam rapidez na efetivação das transformações almejadas por esse segmento político. Buscando tanto aproveitar-se do prestígio que o termo revolução encontrou ao longo das décadas de 1950 e 1960 na América Latina, quanto associar-se com as perspectivas de mudanças rápidas, onde a violência é instrumento fundamental, a extrema-direita apresentava como utopia não um futuro diverso de tudo aquilo já vivido pela humanidade, tal como presente na noção de revolução dentre as esquerdas, mas sim, o restabelecimento de um passado idílico que, de fato, não encontra referência no processo histórico.

Como constatam Bohoslavsky e Gomes, para esses grupos a violência seria o meio mais adequado e rápido para a restauração da “*vieja pátria*” - como advogavam os militantes de extrema-direita argentina,¹⁰ ou de “*ciertos rasgos nacionales*” que caracterizariam um utópico momento de equilíbrio na sociedade, como defendiam os militantes chilenos.¹¹ Para a extrema-direita, a violência apresentava um papel chave em seu projeto, fazendo parte até mesmo da sua cultura política. Segundo Deutsch¹² isso foi um fator decisivo para que esse segmento desenvolvesse uma intensa atividade fora da arena político-partidária. Nas ditaduras civil-militares latino-americanas dos anos 1960/1970 observa-se uma relação direta entre a extrema direita e diversos aspectos da Doutrina de Segurança Nacional, principalmente naquilo que se referia às atividades “políticas” não reguladas pelo Estado.

Quanto à violência daqueles anos, é interessante considerar o trabalho de Maria Paula Araujo. Embora tenha como foco em suas análises a forma pela qual determinados segmentos das esquerdas adotaram a violência enquanto linguagem política, é necessário retomar alguns aspectos avaliados pela autora para refletir também sobre as direitas. Por exemplo, segundo Araujo, nos anos 1960 e 1970 ocorre quase que uma universalização da violência enquanto parte integrante da política.¹³ Outra questão relevante que é apresentada pela autora é quanto ao que

⁸ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda – razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 1995.

⁹ BOISSARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina. In: *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p. 85-100, jan/abr., 2014.

¹⁰ BOHOSKAVSKY, Ernesto e GOMES, Gabriela. A outra juventude radicalizada - anticomunismo na Argentina e no Chile (1959-1973). In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, V. 9, n.1 jan/jul., 2016, p. 42.

¹¹ *Ibidem*, p. 54.

¹² DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas - La extrema derecha en la Argentina, en Brasil y Chile*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

¹³ ARAUJO, Maria P. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de M.; QUADRAT, Samantha Viz. *Ditadura e Democracia na América Latina – balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro, FGV, 2006, p. 251.

considera como motivos para a adoção da violência enquanto linguagem política por determinados setores das esquerdas. Seriam esses: o aumento do desgaste da democracia, o questionamento das práticas políticas tradicionais e a valorização da ação direta e do pragmatismo do confronto.¹⁴

Interessante é observar que todas essas questões eram referidas também pela extrema-direita, principalmente, pelos propagadores da noção de Guerra Revolucionária nos anos 1950 no Brasil, tal como o fez não somente Ferdinando de Carvalho no *Mensário da Cultura Militar*, mas também outros militares, ao se manifestarem em artigos publicados em duas das principais revistas militares brasileiras: a *Revista do Club Militar* e *A Defesa Nacional*.¹⁵ Da mesma forma, embora o estabelecimento de regimes ditatoriais não fosse uma novidade na região, é oportuno considerar o grau de violência que se estabeleceu nos anos 1960 e 1970 nos governos civil-militares que adotaram como elemento norteador a Doutrina de Segurança Nacional. Contudo, a abordagem da autora restringiu-se à presença da violência no âmbito das esquerdas.

De outro lado, a extrema-direita funda-se ainda na defesa de um projeto calcado na antidemocracia e marcado pela ausência completa da liberdade. O antiliberalismo no plano político é recorrente nas mais diversas versões nacionais da extrema-direita no "extremo ocidente". Tanto nos anos 1930 – momento do ápice desse segmento político -, quanto nos anos 1950, quando estava em desprestígio, ou ainda quando foi retomado com maior força entre 1960 e 1980, tal como analisam Almeida,¹⁶ Bohoslavsky¹⁷ e Broquetas.¹⁸

Se o antiliberalismo político é recorrente, o antiliberalismo econômico com tonalidades nacionalistas não é uma unanimidade dentre as extremas-direitas latino-americanas e, mais especificamente na brasileira desse momento. Nesses setores, apesar de considerarem a relevância da autonomia econômica, pressupunham que a importância do papel dos Estados Unidos no confronto da Guerra Fria impunha limites. Isso porque o anticomunismo virulento, ainda que não fosse específico das direitas, era um componente fundamental no ideário desse segmento político.

Por sua vez, o antiliberalismo econômico guardava uma estreita vinculação com a perspectiva, que alguns grupos nacionalistas de extrema-direita possuíam, de que o liberalismo seria o grande causador das desigualdades sociais a potencializar os conflitos sociais naquele

¹⁴ *Op. cit.*, p. 256.

¹⁵ MENDES, Ricardo A. S. *Visões das Direitas no Brasil (1961-1965)*. 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

¹⁶ ALMEIDA, Daniela M. de. Representaciones y relaciones entre la Legión Cívica Argentina y el integralismo brasileño (década de 1930). In: BOHOSKAVSKY, Ernesto y BERTONHA, João Fabio. *Circule por la derecha – percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas*. Los Polverines, Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016, p. 130.

¹⁷ BOHOSKAVSKY, Ernesto. Los ananás de Evita o el extraño caso de los peronistas. In: BOHOSKAVSKY, Ernesto y BERTONHA, João F. *Circule por la derecha*, op. cit., p. 172.

¹⁸ BROQUETAS, Magdalena. La extrema Derecha uruguaya y sus redes transnacionales (década de 1960). In: BERTONHA, João F.; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule por la derecha*, op. cit., p. 210.

momento. Mas, ainda que proponentes de reformas que supostamente corrigiriam as distorções provocadas, essas eram caracterizadas pela completa desconsideração quanto às propostas feitas a partir dos segmentos organizados mais pobres da sociedade civil - considerados sem maturidade suficiente para opinar e decidir sobre os destinos da nação -, bem como sem ameaçar efetivamente a distribuição de renda e riquezas então existente. Da mesma forma o antiliberalismo desses grupos considerava que o liberalismo corroía os valores morais da sociedade, com sua ênfase excessiva no individualismo e com a depreciação da tradição.

Enquadro Ferdinando de Carvalho nesse grupo de nacionalistas de extrema-direita no Brasil que, além de contribuírem decisivamente no estabelecimento do regime civil-militar brasileiro, operaram de forma significativa ao longo de boa parte da vigência da ditadura civil-militar. Averso à democracia, defensor de um papel de proeminência dos militares no controle do Estado e da Nação, defendia uma centralização da política em torno de um grupo muito seletivo. Crítico do capitalismo de mercado, propunha um nacionalismo "autêntico", distinto daquele proferido pelas esquerdas "inconsequentes". Advogava, ainda, um reformismo social autoritário e de fundo paternalista impregnado de messianismo militar. Preocupado com os problemas gerados por essa modernidade na "moral da nação", questionava o excesso de individualismo então existente. Essas características estão presentes nos escritos abaixo assinalados.

A trajetória militar e o papel de ideólogo de Ferdinando de Carvalho

Ferdinando de Carvalho iniciou sua trajetória no Exército na década de 1930, na arma da Artilharia. Segundo-Tenente em 1939, passou a capitão em 1945 e foi alçado ao posto de major em 1952. Em termos de formação militar, cursou a Escola de Artilharia de Costa, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Escola de Estado-Maior (EMA), a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e a Escola Superior de Guerra (ESG).

Em 1953, foi designado para participar do *Commandand General Staff Officer Course*, em Fort Leavenworth, Kansas, Estados Unidos. Fruto não somente de sua participação nas Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB) - onde recebeu diversas condecorações -, esta designação é indicativa do prestígio que o oficial gozava junto a seus oficiais superiores. A ratificação dessa valorização observa-se não apenas pela sua participação como oficial brasileiro na Junta Interamericana de Defesa (JID), entre 1953 e 1954, mas também por ser nomeado como assessor militar na Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela sua integração à Escola Superior de Guerra como membro permanente.¹⁹

Carvalho escreveu nas principais revistas militares dos anos 1960, tais como a *Revista do Clube Militar* e a revista *A Defesa Nacional*. Elaborou ainda uma publicação destinada aos

¹⁹Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carvalho-ferdinando-de..>
Acesso em: ago. 2020.

estudantes universitários do Recife junto com outros oficiais que gozavam de prestígio dentro dos grupos de direita nas FFAA tal como o então General Antonio Carlos Muricy que prefaciou o escrito.

Para Chirio,²⁰ Carvalho, no final dos anos 1950, foi um dos responsáveis pela difusão da Doutrina de Guerra Revolucionária francesa, traduzindo diversos artigos militares. Uma vez implantada a ditadura, foi alçado ao comando de um dos diversos IPM's (Inquérito Policial Militar) instaurados contra setores das esquerdas. O "IPM 709" – que ficou sob sua responsabilidade entre 1964 e 1966 -, era destinado à localização-desarticulação-prisão de militantes e lideranças comunistas com base nas 20 cadernetas de Luis Carlos Prestes apreendidas pelos órgãos de informação e repressão implementados ou potencializados pelo Regime. Essa participação gerou um livro, publicado em 1966 e intitulado "Inquérito Policial Militar nº 709 - O Comunismo no Brasil, publicado em 4 volumes e reeditado diversas vezes.²¹

Segundo afirma Martins Filho, a pressão advinda dos Coronéis responsáveis pelos IPM's - que se consideravam "herdeiros" do Golpe de 1964 -, encaminhava-se na direção de reivindicar uma ação mais contundente das Forças Armadas contra a "ameaça comunista". Ferdinando de Carvalho estaria dentre esses Coronéis. Em carta endereçada ao Presidente Castelo Branco, o governador de Pernambuco Paulo Pessoa Guerra assinalava que os oficiais responsáveis pelo encaminhamento dos IPM's estariam a incitar a radicalização militar.

Há um plano de divulgação, em todos os setores do Exército, Marinha e Aeronáutica, do trabalho elaborado pelo Coronel Ferdinando de Carvalho sobre as bases de reorganização do Partido Comunista e das forças de corrupção e revanchismo que lhe são aliadas.

A supervalorização desse trabalho e a sua divulgação, nos termos referidos, a mim parece ter o objetivo de atrair apoios e unir grupos militares para alcançar os pontos visados nas suas conclusões.

Procura-se, ainda, fazer crer que qualquer empecilho à tarefa do Coronel Ferdinando, significará interrupção em um trabalho que consideram da maior importância na luta para erradicar o comunismo, em nosso país, resguardando, assim, os ideais da própria Revolução.²²

O documento acima assinala o protagonismo de Carvalho, que acabou por permanecer na condução do inquérito até o seu encerramento, denotando a força que o oficial possuía naquele momento apesar das críticas à direção do processo.

As preocupações de Ferdinando de Carvalho com a retomada da "onda comunista", perduraram ao longo de todo o Regime. Alçado ao posto de General de Brigada em 1973, em

²⁰ CHIRIO, Maud. A primeira linha dura do regime militar: trajetórias de oficiais do Exército nos anos 60 e 70. *Militares e Política*, n. 6, jan.-jun., 2010.

²¹ A obra possui 4 volumes: O comunismo no Brasil; As atividades comunistas no Brasil – A agitação e a Propaganda; As atividades comunistas no Brasil – A ação violenta. Os quatro volumes encontram-se disponíveis em: Biblioteca Brasil Nunca Mais – Doc Reader Web: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibliotbnm&pagfis=8065>. Acessado em 31 maio 2019.

²² Carta do gov. de Pernambuco Paulo Pessoa Guerra ao presidente da República Castelo Branco, sobre a radicalização de alguns militares, datada de 15 de novembro de 1965. FGV - Acervo pessoal de Ant. Carlos Murici: Série Atuação Político Militar (1936-1979), código ACM 64.10.00 pm.

1978 passou para a reserva. A partir desse momento, convencido da inépcia do AI-5 e diante do término de sua vigência, considero que passou a se dedicar com afinco a três estratégias de embate com o comunismo.

A primeira, parece destinada a vencer a disputa por corações e mentes de oficiais de baixa patente na “guerra psicológica” que considerava estar em andamento. Caracterizada como um embate pelo controle “psicossocial”²³ da população, vencer essa disputa seria fundamental para a defesa dos valores da “sociedade ocidental” no Brasil – liberalismo, cristianismo e a tradição greco-romana -, e para conferir o ânimo necessário à população do país para resistir à ameaça que o comunismo estaria a representar. Tanto no plano material como no plano das ideias. Buscando tomar parte desse embate, Ferdinando de Carvalho adotou uma postura mais enfática nesses anos através da elaboração de livros ficcionais destinados a um público não necessariamente militar. No ano de 1977, publicou a obra *Os Sete Matizes do Vermelho*²⁴ e, no seguinte, com o mesmo objetivo e alertando para o crescimento da ameaça comunista diante aumento do número de colaboradores “passivos ou ativos”, Ferdinando de Carvalho publicou *Sete Matizes do Rosa*.²⁵

Outra linha seguida pelo militar foi a produção de títulos como *O Arraial: se a Revolução de 1964 não tivesse vencido* (1978) e *Lembraí-vos de 1935!* (1981). Essas obras apresentavam uma linguagem mais elaborada e parece que estavam direcionadas às elites político-militares. Importa considerar que, salvo “O Arraial”, todos os livros acima foram publicados pela Bibliex, o que caracteriza que o conteúdo dessas obras encontrava certa receptividade dentro de segmentos do alto escalão das Forças Armadas que controlavam a Editora. Essa perspectiva é corroborada também pela continuidade da presença do oficial em uma série de conferências ministradas a políticos e militares ao longo da década de 1970 e princípios dos anos 1980.²⁶

²³ Em trabalho elaborado com outros oficiais na Escola Superior de Guerra é assinalado que existiria um papel integrado entre todos os campos do Poder Nacional. Seriam esses campos o poder político, econômico, militar e psicossocial. CARVALHO, Ferdinando (ten-cel); FROTA, Sylvio C. C. da (Cel.); GONÇALVES, Yves Murillo Cajaty (Cap MeG). Aspectos militares da Segurança Nacional. In: Escola Superior de Guerra, C2-02-64. Todos os militares eram adjuntos na Divisão de assuntos militares.

²⁴ *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro, Editora Biblioteca do Exército, 1977.

²⁵ *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro, Editora Biblioteca do Exército, 1978.

²⁶ Carvalho apresentou diversas palestras nos anos 1970 e 1980. Dentre estas cito algumas: Política Nacional – conceitos fundamentais (março de 1971); O movimento comunista internacional (apresentação em abril de 1971); O método em pesquisa social (conferência proferida ESG em maio de 1971); Compromissos militares no Brasil (proferida na ESG em junho de 1971); O planejamento estratégico no campo psicossocial (conferência proferida na ESG em novembro de 1971); A época contemporânea (conferência proferida na ESG em março de 1972); A ação psicossocial na segurança nacional (apresentação conjunta na ESG em abril de 1972); A expressão psicossocial do poder nacional – poder psicossocial (apresentação em abril de 1972); O Brasil no sistema de segurança nacional (apresentação em junho de 1972); O comunismo no Brasil (conferência proferida na ESG em junho de 1981); O comunismo no Brasil (conferência proferida na ESG em julho de 1982); A época contemporânea (conferência proferida na ESG em julho de 1983) e O comunismo no Brasil (conferência proferida na ESG em junho de 1984). Sobre o assunto ver: Diretoria do Patrimônio Histórico e documentação da Marinha. Disponível em: http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php#sobe_paginacao. Acesso em: 30 ago. 2019.

O que apresento como uma terceira linha de ação de Ferdinando de Carvalho direcionou-se para uma atitude de maior confronto com o "inimigo" e mesmo com setores das Forças Armadas. Desenvolveu-se através da retomada da estruturação do denominado *Grupo Secreto*, composto por alguns civis, policiais e diversos oficiais militares, vários deles do CIE. Esses, atuaram com maior intensidade em dois contextos específicos. O primeiro, em finais dos anos 1960, quando o alvo privilegiado eram as manifestações culturais consideradas comunistas. Nesse momento, alguns setores das direitas entendiam que os dois governos militares desenvolvidos até então (Castello Branco e Costa e Silva) não seriam representativos de suas opiniões e, por isso, "partiram para a coisa". Desejavam conter as "forças comunistas" que continuavam atuando apesar da "Revolução" de 1964. Queriam "anular a penetração das esquerdas, principalmente junto aos universitários".²⁷ Boa parte destas ações foi desencadeada contra jornais, editoras e peças de teatro. Sequestros, agressões físicas, bombas, depredações de teatros, intimidações foram marcas do ano de 1968 que contribuíram para a edição do Ato Institucional Nº 5.

Um segundo momento de ação mais intensiva do *Grupo Secreto*, contudo, se desenvolveu na segunda metade dos anos 1970. Embora desencadeado desde o momento em que o projeto de transição teve início - em parte articulado pelo General Presidente Geisel e pelo Coronel Golbery do Couto e Silva -, depois de 1978, o grupo realizou uma nova série de ações tais como incêndios a bancas de jornais, pichações, sequestros e atentados à bomba. Os alvos, agora, eram instituições suprapartidárias e segmentos da Igreja, dentre outros. As ações realizadas entre 1979 e 1982, assumiram uma amplitude tal que o próprio chefe de gabinete civil do presidente Figueiredo reconheceu como graves. Nesse sentido, os grupos envolvidos nessas atividades estariam a oferecer uma "resistência obstinada"²⁸ à continuidade do projeto Geisel/Golbery, materializada no desenvolvimento de vinte e cinco atentados, com um morto e 25 feridos, ao longo dos oito primeiros meses do ano de 1980.²⁹

Segundo Alberto Fortunato, um dos participantes mais ativos do grupo, Ferdinando de Carvalho era um dos principais ideólogos. Ainda para Fortunato, o *Grupo* tinha por base um desenvolvimentismo que eu aponto com traços nacionalistas e caracterizava-se pelo anticomunismo virulento. Sua estrutura estava distribuída em três níveis. No "nível externo" ficavam os que proviam a infraestrutura para o desenvolvimento dos atentados, embora não participando dos mesmos. No "anel intermediário" estariam os que operavam como "teóricos" e "ideólogos". Essa era a situação de generais reformados, como Ferdinando de Carvalho e Gerson de Pina, ou da ativa, como Camilo Borges de Castro. No "anel interior" estariam "todos que

²⁷ ARGOLO, José A.; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luis A. M. *A direita explosiva no Brasil*. Rio de Janeiro, MAUAD, 1996.

²⁸ OLIVEIRA, Eliezer R.. OLIVEIRA, Eliezer R. *De Geisel a Collor - forças armadas, transição e democracia*. Rio de Janeiro: Papyrus, 1994, p. 34.

²⁹ D'ARAUJO, Maria C. de; SOARES, Gláucio A. D.; CASTRO, Celso. *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 40.

conheciam os 'segredos operacionais'.³⁰ Dessa forma, pode ser assinalada uma participação incisiva de Ferdinando de Carvalho nos atentados, ainda que de forma indireta.

A ação mais contundente do militar, observável pelo desenvolvimento simultâneo dessas três linhas de ação, pode estar associada com sua passagem para a reserva no ano de 1978, aspecto que considero que apresentou um peso relevante. A essa questão pessoal somou-se o entendimento de que a "Revolução" havia incorrido em vários desvios. Dentre esses, o aborto da candidatura de Silvío Frota, o encaminhamento da transição articulada por Golbery e Geisel, o desenvolvimento de uma política externa pragmática e a pressão desenvolvida por setores da sociedade civil para o encaminhamento e implementação da Anistia. Todos, fatores que possivelmente estimularam o militar no confronto com o *establishment* civil-militar.

Os escritos de Ferdinando de Carvalho - anos 1960

Nos anos 1960 Ferdinando de Carvalho era membro do quadro permanente da Escola Superior de Guerra. Oficial de Estado Maior, isso provavelmente lhe conferiu uma posição que possibilitava escrever nas principais revistas militares do momento. Além disso, o oficial elaborou uma série de traduções de artigos militares franceses. Tanto no caso dos artigos sob sua autoria, quanto nas traduções elaboradas na década anterior para o *Mensário da Cultura Militar*, a temática central era a "Guerra Revolucionária" e sua relação com a "Segurança Nacional". Nessa mesma direção observa-se o trabalho de curso na Escola Superior de Guerra elaborado em conjunto com o então Coronel Sylvio Couto Coelho da Frota e o Capitão de Mar-e-Guerra Yves Murillo Catajy Gonçalves.³¹

Em 1964, os artigos de Carvalho aqui abordados e publicados nas revistas *Defesa Nacional* e *Revista do Club Militar*, serviram de base para um dos capítulos do "livreto" intitulado *Guerra Revolucionária comunista*.³² O material possui introdução de Antonio Carlos Murici e artigos de Hernani D'Aguiar, do próprio Ferdinando de Carvalho e de Octávio Costa. Destinado aos estudantes universitários de Recife, o livreto parece ser uma tentativa dos autores em difundir as ideias da Doutrina de Segurança Nacional em um público mais vasto, para além daquele localizado nas casernas.

³⁰ ARGOLO, José A.; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luis A. M. *A direita explosiva no Brasil*. Rio de Janeiro, MAUAD, 1996, p. 243.

³¹ Todos eram adjuntos da Divisão de Assuntos Militares e são apontador por Celina de Araujo e Celso Castro em sua trilogia sobre as memórias militares como sendo vinculados à denominada "linha dura". CARVALHO, Ferdinando de (ten-cel); FROTA, Sylvio C. C. da (Cel.); GONÇALVES, Yves Murillo Cajaty (Cap MeG). Aspectos militares da Segurança Nacional. In: Escola Superior de Guerra, C2-02-64.

³² CARVALHO, Ferdinando de. COSTA, Octávio; AGUIAR, Ernani d'. Murici. Antônio Carlos da Silva (Prefaciador). *A Guerra Revolucionária Comunista*. Recife: Editora Imp. Universitária, 1964. 61p.

No conjunto dos trabalhos aqui elencados, Ferdinando apresenta um mundo impregnado pela Guerra Fria. A possibilidade de um conflito nuclear é a tônica nesse momento.³³ Na América Latina, e mais especificamente no caso brasileiro, o que estaria a afligir o país seria a Guerra Revolucionária. Considerada como uma tática adotada pela União Soviética na Guerra Fria, diante de certo equilíbrio de forças nucleares com os Estados Unidos, a Guerra Revolucionária se apresentava como um instrumento de subversão da ordem social, econômica e política na região, com o objetivo de isolar o seu oponente.³⁴

Estará a desenvolver-se, então, uma “violenta ofensiva” desde que o comunismo internacional havia conseguido firmar-se em Cuba. A facilidade com que essa modalidade de conflito se desenrolava, afligindo a totalidade dos países latino-americanos, seria fruto de diversos fatores. A existência de profundas contradições, a eficácia da ação dos “agentes da comunização” e a ascensão de políticos que, com suas “falsas” propostas reformistas prometiam acabar com as limitações impostas ao desenvolvimento do país seriam os fatores principais para o seu desencadeamento.

A Guerra Revolucionária caracterizava-se, segundo Carvalho, por estratégias que buscavam ocultar a ação comunista, já que, em “países atrasados”, a revolução não deve ser “ostensivamente comunista”:

Infiltrados nos órgãos de direção, insuflam os movimentos, economizando as suas forças, sua preciosa reserva de liderança, para a oportunidade em que a confusão e o desgaste lhes permitam engolfar definitivamente o poder. A observação desse princípio tradicional permite compreender a importância dos Goulart e dos Brizolas no sistema de lideranças subversivas.³⁵

Com uma política “dúbia” e “vacilante”, Goulart teria colaborado para a acentuação da ação comunista conduzindo o país para a “deterioração” do seu sistema econômico, potencializada pelas dimensões do processo inflacionário. Aqui, a “ação aliciadora e infiltrante” teria sido “executada abertamente”, com a presença de comunistas em quase todos os órgãos do governo, e estaria a se desenvolver também em organizações “ilegais de mobilização de massas e de comando paralelo”, estimulando

a violência impune, as greves descabidas, a intimidação absurda e o desafio da força. A defesa da ordem democrática, o apelo a lei e à justiça passaram a ser acoimados de atividades subversivas. A aspiração transformou-se em conspiração.³⁶

³³ CARVALHO, Ferdinando de. Casos Históricos de Guerra Revolucionária. In: *Revista Defesa Nacional*, n. 578, set./out., 1962, p. 28.

³⁴ CARVALHO; FROTA; GONÇALVES, *Op. cit.*, p. 5.

³⁵ CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária Comunista no Brasil. In: *A Defesa Nacional*, n. 597, set./out. 1964, p. 31.

³⁶ *Ibidem*, p. 33.

O desenrolar dessa “Guerra Revolucionária” se caracterizaria pela formação de frentes populares e suprapartidárias, desmoralização de lideranças políticas e do Congresso Nacional, infiltração em órgãos governamentais, transformação do Ministério da Educação em “centros de comunização” e uma intensa propaganda comunista na imprensa em “um período de coação ideológica”. Sempre atendendo fundamentalmente às determinações “oriundas de Moscou”. Duas etapas se seguiriam após o estabelecimento de uma “situação insustentável”. A primeira, com a imposição de um governo de transição comandado por João Goulart que implementaria uma depuração das Forças Armadas.³⁷ A segunda etapa seria marcada pela comunização generalizada do país e a “satelitização do Brasil na órbita nos países filiados ao comunismo internacional”.

Para além das questões específicas da Guerra Revolucionária e do anticomunismo de Ferdinando de Carvalho - apontados em boa parte dos estudos e citações feitas ao mesmo³⁸ -, a produção em questão indica outros aspectos que compunham o pensamento político do autor. Questões relativas à Guerra Revolucionária guardavam importância significativa, uma vez que era fundamental “firmar uma técnica repressiva indispensável à preservação da ordem social vigente”.³⁹ Mas também preocupava a Carvalho a existência de uma “crise tradicional” na América Latina, que seria “exacerbada” pela exploração colonialista, que estabelece a “precariedade do sistema econômico e social”. O militar reconhecia como legítimo o “anseio dominante nos povos de libertar-se dessa opressiva contingência e de emergir em uma atmosfera de compreensão e felicidade”.⁴⁰

Ao mesmo tempo em que criticava a política externa independente assumida pelo governo Jango e assinalava de forma elogiosa a iniciativa estadunidense da *Aliança para o Progresso*, o militar apontava, mesmo que de maneira sutil, um questionamento da liderança norte-americana diante do não atendimento das demandas latino-americanas por recursos.⁴¹ Por um lado, Carvalho assinalava que a política externa de Jango, que pressupunha a autonomia, acabava por se apresentar como “superdependente”, posto que estimulava “novas e desnecessárias dependências”.⁴² Mas ao afirmar isso, o autor acabava por considerar

³⁷ *Op. cit.*, p. 42.

³⁸ CHIRIO, Maud. A primeira linha dura do regime militar: trajetórias de oficiais do Exército nos anos 60 e 70. *Militares e Política*, n. 6, jan.-jun., 2010, p. 42; CHAVES, Eduardo dos S.. Memórias sobre a Ditadura civil-militar: discutindo o colaboracionismo. *OPSIS, Catalão*, v. 12, n. 2, p. 125-150 - jul./dez. 2012; e SOUZA, Sandra R. B. da Silva. O anticomunismo do General Ferdinando de Carvalho no contexto da abertura política (1977-1978): uma (re)leitura de “Os Sete Matizes do Vermelho”. *Vitória da Conquista, RBBA*, v.3, n. 1, jun., 2014.

³⁹ CARVALHO, Ferdinando de. Casos Históricos de Guerra Revolucionária. In: *Revista Defesa Nacional*, v. 49, n. 578, set. /out., 1962, p. 28.

⁴⁰ CARVALHO, Ferdinando; COSTA, Octávio; AGUIAR, Ernani d'. Murici. Antônio Carlos da Silva (Prefaciador). *A Guerra Revolucionária Comunista*. Recife: Editora Imp. Universitária, 1964, p. 4; e CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. In: *Revista Defesa Nacional*, n. 597, set./ out., 1964, p. 49.

⁴¹ *Ibidem*, p. 36.

⁴² *Ibidem*, p. 32 e CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. *Op. cit.*, p. 52.

indiretamente que, naquele momento, o país já estaria submetido à hegemonia norte-americana.

Contudo, ainda que o anseio por libertação fosse pertinente, afirmava

Conceitos novos, como guerra justa, guerra injusta, guerra de libertação, criados com deliberados intuitos subversivos, vieram tornar mais nebuloso e complexo o problema da Segurança Nacional, cujo equacionamento encontrará óbices quase intransponíveis, se nos ativermos aos caminhos convencionais, sem a flexibilidade imposta pelas condições atuais.⁴³

Nesse sentido, acabava por reforçar a ideia de que a “aspiração” não poderia se transformar em “subversão”. Carvalho entendia como legítimo o desenvolvimento de um nacionalismo vinculado com o desejo de libertação da exploração colonialista. Isso, desde que distante da “motivação subversiva exaltante”. Diferentemente do que consideravam alguns setores anticomunistas dos anos 1960, assinalava o artificialismo “do argumento nacionalista como veículo de propaganda comunizante”. Afinal, “ficou bastante claro, desde logo, a inexistência de qualquer incompatibilidade entre o regime político vigente e o legítimo sentimento nacionalista, amparado por todas as correntes responsáveis pela vida brasileira”.⁴⁴

O nacionalismo não deveria ser “confundido com o comunismo, como em outros países”. Considerava que esse nacionalismo abriria “caminho para a ideologia marcante da burguesia e anticomunista”, afirmando que os próprios comunistas, cientes disso, estariam por repelir muitas vezes o nacionalismo “consciente” e “responsável”. De outro lado, assumir esse nacionalismo não significaria enfraquecer o sistema vigente com a desmoralização dos investimentos estrangeiros, mas proporcionaria eliminar as contradições impostas ao desenvolvimento do país.⁴⁵

Carvalho considerava a existência de uma “brecha psicológica nas angústias de uma população amargurada e esperançosa” pela libertação nacional e social. No que tange a esse último aspecto - a questão social -, o autor aponta a existência da “insensibilidade” e “irresponsabilidade” das elites, o que contribuiria para a “precariedade do sistema econômico-social”.⁴⁶ Existiriam “sentimentos humanitários” no povo brasileiro que clamariam “contra as desigualdades sociais” de forma justa.

Embora afirmasse que o sistema não seria caracterizado pela iniquidade, afirmava que a precariedade da ordem econômico-social era a tônica não somente do país, mas do conjunto da

⁴³ CARVALHO; FROTA; GONÇALVES, *Op. cit.*, p. 5.

⁴⁴ CARVALHO, Ferdinando de; COSTA, Octávio; AGUIAR, Ernani d'. Murici, Antônio Carlos da Silva (Prefaciador). *Op. Cit.*, p.29.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 36; e CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. *Op. cit.*, p. 59.

⁴⁶ CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. In: Revista Defesa Nacional, n. 597, set./ out., 1964, p. 49p. 49

América Latina.⁴⁷ Ainda que considerasse que a “questão agrária” acabaria por ser discutida, em grande medida, por setores que tinham completo desconhecimento do problema - “assembleias urbanas, nos seminários de estudantes, nas discussões de indivíduos que jamais se ausentaram do conforto da cidade” -, Carvalho entendia que a organização agrícola era “primitiva e desaparelhada”, com padrões técnicos “bastante atrasados”.⁴⁸

Sendo assim, tornava-se necessário uma reforma agrária que corrigisse esses problemas, proporcionasse aspectos que diminuíssem as desigualdades e viabilizassem a eliminação da precariedade. O autor pontua, por fim, que a mesma poderia ocorrer por meios que não envolvessem um “odioso conflito de classes”, nem a violação do direito da “liberdade e do direito privado”.⁴⁹ Nesse sentido, diversa da apresentada pelas esquerdas, de caráter técnico e tutelada por segmentos mais capacitados da sociedade.

Quanto a alguns aspectos aqui apontados, Carvalho parece adotar uma perspectiva próxima a de alguns segmentos do *National Security People* norte-americano adotaram nos anos 1960. Se existiam aqueles que consideravam que o questionamento social na América Latina era fruto da ação comunista, outros eram os que avaliavam que a existência de profundas desigualdades sociais estaria na raiz do problema. Nesse sentido, importava estabelecer mecanismos para a diminuição das diferenças entre os extremos da sociedade.⁵⁰

Os escritos dos anos 1970 – Os Sete Matizes

Em 1977, Ferdinando de Carvalho escreveu o livro de ficção “Os Sete Matizes do vermelho” e, no ano seguinte, “Os Sete Matizes do Rosa”. Segundo afirma Sandra Souza, a presidência do denominado “IPM-709” contribuiu para que Carvalho desenvolvesse a base das representações construídas em ambas as obras.⁵¹ Ainda que não questione de forma completa o considerado pela autora, pode ser observado pelo assinalado acima, que vários dos aspectos relativos ao pensamento político de Carvalho, que constam nos dois trabalhos, encontram-se delineados em artigos produzidos antes ou mesmo na fase inicial do estabelecimento da ditadura civil-militar - como indicam seus artigos de 1962 e de 1964 -, e mesmo o papel que desempenhou na propagação da noção de Guerra Revolucionária nos anos 1950.

⁴⁷ *Op. cit.*, p. 50.

⁴⁸ CARVALHO, Ferdinando de. COSTA, Octávio; AGUIAR, Ernani d'. Murici, Antônio Carlos da Silva (Prefaciador). *Op. Cit.*, p. 30.

⁴⁹ CARVALHO, Ferdinando de. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. *Op. cit.*, p. 59.

⁵⁰ MENDES, Ricardo A. S.. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. Nº 8, 2009, p. 11 e ss.

⁵¹ SOUZA, Sandra. *Os Sete Matizes do Rosa* ou o mundo contaminado pela radiação comunista: homens vermelhos e inocentes úteis. 2009. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Salvador - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, p. 63.

Entendo que as duas obras desenvolvem representações do pensamento político de extrema direita no qual enquadro Ferdinando de Carvalho e os setores a ele vinculados, ainda que com estruturas narrativas distintas. Essa perspectiva de extrema-direita perdura, ainda que de forma restrita, em determinados segmentos da sociedade brasileira ao longo da década de 1980. Para abordar essas representações, iniciarei descrevendo alguns aspectos da produção das obras e, na sequência, apontarei de forma sucinta as tramas narrativas desenvolvidas em cada uma. Posteriormente, analiso os elementos que compunham essa cultura política de extrema-direita.

Os Sete Matizes do Vermelho é um livro que pretende descrever a presença comunista no Brasil e a ameaça que isso significava para a sociedade. Publicado em 1977 pela Editora da Biblioteca do Exército,⁵² em coedição com a Editora Arte Nova, na apresentação do trabalho observa-se a posição da Comissão de Publicações e da diretoria da Bibliex. Nesta, é assinalado que a publicação do “agradável romance” em questão era algo que a “tradição da Biblioteca do Exército” normalmente não realizaria, já que se tratava de um “romance”. Contudo, o momento exigia que o fizesse. O trabalho deveria ser difundido pelas “quase 30.000 cabeças pensantes” atingidas pela publicação, fazendo com que o operário – “que lamentavelmente, talvez, não leia este livro”, tome conhecimento dele através do “patrão honesto e bem-intencionado”.

A estrutura da obra, que se desenrola nos anos 1960, consiste na apresentação de um quadro contextual (O Cenário) seguida pelo desenvolvimento da trama em onze capítulos.⁵³ Na contextualização, Carvalho apresenta um quadro tenebroso de comoção social, urdido pelos comunistas sob as orientações e comando de Moscou.⁵⁴ A ascensão de Jango ao poder teria dado início a esse quadro, com a expansão das ligas camponesas, as campanhas de doutrinação marxista no MEC, a formação de grupos armados esquerdistas e o desenvolvimento de sucessivas greves. O Comício da Central do Brasil e a reunião de suboficiais e tenentes no Automóvel Club do Brasil aparecem como partes de uma trama previamente elaborada pelos comunistas que teria sido abortada pelas Forças Armadas. Com o fechamento do Congresso e a dissolução das Forças Armadas os comunistas esperavam consolidar o encaminhamento da “Guerra Revolucionária”.

⁵² Neste momento era diretor da Bibliex o Cel. de Art. Fernando Oscar Weibert, e subdiretor o Ten. Cel. de Art. Neomil Portella Ferreira Alves. Ambos eram da mesma arma que Ferdinando de Carvalho. Participavam da Comissão de Publicações: os Generais de Divisão R1 Francisco de Paula e Azevedo Pondé, Jonas de Moraes Correa Filho (Relator da obra), Adailton Sampaio Pirassinunga e os Ten. Cel. Carlos de Souza Scheliga e Lui Paulo Macedo Carvalho. Participavam ainda os civis Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Francisco de Souza Brasil e Ruy Vieira da Cunha. Na publicação de 1978, observa-se uma única mudança, saindo o Ten. Cel. Carvalho, que foi substituído pelo Major de Infantaria Pedro Schirmer.

⁵³ Os capítulos são: “A motivação”, “A Reunião”, “Carlos: a construção”, “Antonio: a infiltração”, “João da Silva: a doutrinação”, “Luiz: a agitação”, “Tenório: a propaganda”, “Arlindo: a liga camponesa”, “Venâncio: a violência”, “O julgamento” e “Epílogo”.

⁵⁴ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977, pp. 16, 24 e 25.

O Autor desenvolve sua narrativa a partir de uma fictícia reunião entre sete comunistas⁵⁵ para a realização de um julgamento. A narrativa se desenvolve, então, pela descrição da trajetória desses sete “matizes”, apresentando os caminhos por eles percorridos, suas personalidades e a própria sociedade em que viviam. Considero que através da “voz” desses comunistas, Carvalho tece críticas à sociedade brasileira, delinea o que parece apontar para um projeto de sociedade e caracteriza a ameaça que então vivia o país.

A obra *Os Sete Matizes do Rosa* foi publicada em 1978, também pela Bibliex, e em coedição com a Editora Arte Nova. Na obra de 1977, por diversas vezes o Autor se utiliza da figura feminina para explicar a presença de traços negativos na personalidade e caráter dos personagens. Por exemplo, a educação de crianças, influenciada pela superproteção da mulher, colaboraria para a formação de homens com fragilidade de caráter, colocando-os mais propensos a seguirem a lógica comunista.⁵⁶ Na obra seguinte, Carvalho complementa esse raciocínio apresentando aqueles que contribuiriam para a difusão do comunismo como “homens cor de rosa”. Considerada como uma cor feminina, até finais do século XX, e símbolo de certa feminilidade, para o autor se configuraria como uma referência adequada para assinalar aspectos que caracterizariam os comunistas: subserviência, a “atividade deletéria” e a não confiabilidade.⁵⁷

Ambas as capas dos livros são explícitas na indicação de que são obras que abordam o comunismo. Na apresentação da obra de 1978, mais uma vez é reforçada a importância do trabalho de Carvalho ao assinalar que o livro serviria de “vacina patriótica”, termo adotado para indicar que o comunismo se trataria de uma “infecção” a contagiar a “Nação”. Dessa forma, colaboraria para o que consideravam como uma melhor percepção da realidade, para a identificação e afastamento do convívio social daqueles grupos que seriam responsáveis pela difusão da nefasta ideologia, e aumentando “o número dos nossos patrícios” com capacidade para mapear os “falazes acenos das promessas dos ativistas vermelhos”.

O “romance” mais uma vez se inicia com uma breve contextualização, sendo seguido por onze capítulos.⁵⁸ Na contextualização, o autor assinala que o país estaria sendo alvo de uma intensa campanha difamatória no exterior, comandada em grande medida por exilados comunistas brasileiros que viveriam na França em colaboração com os soviéticos. De outro lado, o quadro internacional se apresentaria extremamente grave: “A União Soviética está cada vez

⁵⁵ Seriam eles: Carlos, Tenório, Luiz, Antônio, Arlindo, João da Silva e Venâncio. O julgado seria Simplício, acusado de traição. A narrativa parece indicar um justicamento, tal como ocorrido em algumas ocasiões no movimento da esquerda armada.

⁵⁶ *Op. cit.*, p. 102 e 143.

⁵⁷ Carvalho, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978, p. 11 e 16.

⁵⁸ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. *Op. cit.* São esses capítulos: “A Missão”, “Os Criptocomunistas”, “Os Oportunistas”, “Os Inocentes-Uteis”, “Os Companheiros-de-Viagem”, “Os simpatizantes”, “Os Contestadores”, “Os Colaboradores”, “A lista”, “A Viagem” e “O Dinheiro”.

mais forte. Os Estados Unidos estão perdendo a Guerra do Vietnã. Toda a África está se comunizando. Além disso, estão surgindo focos de luta revolucionária no próprio continente”.⁵⁹

A trama transcorreria entre 1969 e 1970, com flashbacks da trajetória dos diversos personagens. Tem como narrativa o envio de recursos da URSS para o financiamento da luta comunista contra o governo. A partir daí, Ferdinando, através de histórias paralelas, tece a descrição dos diferentes tipos de indivíduos que, indiretamente, contribuiriam para a propagação do comunismo: os “cripto-comunistas” (comunistas não confessos), os oportunistas (associados ao comunismo por interesses pessoais), os “inocentes-uteis” (ingênuos manipulados), os “companheiros de viagem” (elementos de diferentes vertentes políticas aliados aos comunistas para consecução de objetivos comuns), os “simpatizantes” (condescendentes ou parcialmente adeptos da causa), os “contestadores” (que destrutivamente investiriam contra os “valores e instituições tradicionais”) e os colaboradores (auxiliares do PCB por “covardia” física ou moral).

As trajetórias dos personagens são reunidas nos capítulos finais da obra, com o resultado da ação subversiva redundando em fracasso, devido à deslealdade soviética que, na narrativa, envia dólares falsos para os comunistas brasileiros e contribui para o abandono e desilusão de alguns militantes.

Nas duas obras, Carvalho procura indicar que a ameaça comunista desferida pela União Soviética, com o estímulo ao desenvolvimento da “Guerra Revolucionária” no Brasil, teria sido momentaneamente abortada pelo movimento de 1964. Contudo, diversos seriam os fatores a contribuir para que o perigo não tivesse sido afastado por completo, o que obrigava a continuidade da vigilância e a adoção de medidas mais contundentes.

Nesse sentido, apresenta o que seria o perfil, tanto dos comunistas, quanto dos seus potenciais colaboradores. Para ele, os comunistas são representados como egoístas e desprovidos de qualquer tipo de solidariedade. Seus objetivos políticos acabariam por sobrepujar qualquer tipo de humanidade.⁶⁰ Agressivos e violentos⁶¹ só se mostrariam corajosos “quando tinham uma arma na mão”.⁶² Aproveitando-se do recurso da narrativa literária, que possibilita delinear características físicas associadas a identificação de traços morais dos personagens, Carvalho constrói visualmente seus oponentes como “seres cerrados e taciturnos”,⁶³ com olhares frios e penetrantes e, eventualmente, com defeitos físicos. As mulheres comunistas, por sua vez, seriam “sem nenhum traço de beleza” e com fisionomias enérgicas e masculinas, salvo quando acabam por se converter ao catolicismo.⁶⁴

⁵⁹ *Op. Cit.*, p. 15.

⁶⁰ *Idem*, p. 58 e seguintes.

⁶¹ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978, p. 151.

⁶² CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977, p.106, 127; e *op. Cit.*, p. 117.

⁶³ *Ibidem*, 1977, p. 48.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 96.

Os comunistas viveriam em boates e hotéis, com uma vida desregrada, tendo por companhias bicheiros e prostitutas. Com uma vida perniciososa e no meio da malandragem, se utilizariam de recursos como erotismo e tóxicos para atrair para o movimento jovens de famílias distintas.⁶⁵ Segundo Patto Sá Motta, para setores anticomunistas

A conspiração comunista estaria por traz do tráfico de entorpecentes, que teria por objetivo 'amolecer o vigor mental e físico do mundo livre, fornecer vítimas fáceis para chantagear e que, assim se transforma em agentes 'amarrados' para ganhar dinheiro para a propaganda dos Partidos Comunistas (...).⁶⁶

Os Sete Matizes – para além do anticomunismo

Com estratégias de significação e narrativas distintas das utilizadas na elaboração dos artigos dos anos 1960 e princípios de 1970, as obras em questão adicionam a desqualificação da personalidade e da moral aos comunistas. No entanto, ainda que com essa variação, ocorre uma ratificação das mesmas perspectivas de princípios dos anos 1960.

Quanto à vida política, considera que a ditadura civil-militar seria um "regime democrático" sob ameaça da "Guerra Revolucionária", insuflada por uma "minoría ativa". Diante do tamanho do país e da sua importância estratégica, isso significaria um perigo a se dirigir contra todo o Ocidente e afligiria toda a "Cultura Ocidental". Nesse sentido, caberia ao "regime democrático" impor restrições que "lhe assegurassem sua autopreservação".⁶⁷ Essa seria a única alternativa diante de "massas" que possuíam uma "lamentável credulidade" e homens do povo que obedeceriam a ordens dos comunistas por puro desconhecimento de seus propósitos, uma vez que agiam instintivamente e não racionalmente.⁶⁸

Faltaria uma ação enérgica contra os "exploradores da boa fé".⁶⁹ Dentro da estrutura vigente, naquele momento, tornar-se-ia inviável obter o apoio dos políticos para garantir a sobrevivência da "Cultura Ocidental". A implementação das medidas necessárias seria inviabilizada pelo sistema eleitoral em um Congresso dominado por grupos com interesses privados e pessoais.⁷⁰ Os políticos seriam omissos diante da necessidade de não comprometer seu prestígio "em uma campanha radical contra os comunistas".⁷¹ Por natureza, se

⁶⁵ *Op. cit.*, p. 88; e CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa. Op. cit.*, p. 31.

⁶⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002, p. 68.

⁶⁷ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978, p. 20, 28 e 113.

⁶⁸ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977, p. 15.

⁶⁹ CARVALHO, *Op. cit.*, 1978, p. 31.

⁷⁰ CARVALHO, *Op. cit.*, 1977, p. 177.

⁷¹ CARVALHO, *Op. cit.*, 1978, p. 168.

caracterizariam como eternos oportunistas mais comprometidos com suas carreiras do que com os destinos da nação.

A corrupção, enfraquecia igualmente o "sistema democrático", principalmente por ocasião das eleições, oportunidade para a ação comunista que detinha uma máquina de propaganda e agitação muito eficaz, bem como uma militância que desfrutava de grande espírito de luta e liderança. Por conta disso, acabaria por eleger os que contribuiriam para a difusão do comunismo em troca de recursos financeiros e compensações políticas.

O comando e controle da ação caberia aos militares. As representações elaboradas por Carvalho ao longo de suas obras indicam que esses possuiriam qualidades necessárias para tal intento. Honestos, estariam mais compromissados com o anticomunismo por estarem desprovidos de interesses particulares.⁷² Solidariedade,⁷³ correção e firmeza⁷⁴ necessárias para o intento seriam atributos presentes nos personagens militares. Deteriam a competência e inteligência fundamentais para a consecução dos seus objetivos.

Nessa ação, os militares contariam ainda com a colaboração dos jovens "reacionários". Significado positivamente ao longo da obra, o termo "reacionário" refere-se àqueles que seriam, antes de tudo, anticomunistas, buscando a preservação das tradições culturais brasileiras que reagem contra a ameaça estrangeira. Ganha relevância, nesse sentido, uma consideração feita por um dos personagens ao assinalar que "só uma ditadura fascista seria capaz de disciplinar os indivíduos e enquadrá-los para uma existência coletiva".

Outro aspecto que se manifesta nas obras refere-se à questão social, abordado com muito mais contundência na obra de 1977, embora não esteja de todo ausente na de 1978. Se por um lado o autor considera a ameaça à sobrevivência do capitalismo como algo grave, acaba por tecer considerações críticas ao sistema. A burguesia aparece, em grande medida, acomodada,⁷⁵ priorizando os seus interesses pessoais e gerindo seus negócios com descaso. O mundo ocidental capitalista estaria caracterizado por misérias e degradações que fundamentariam, de alguma forma, as críticas dos comunistas. O capitalismo já tivera o "seu apogeu e hoje estava condenado a falência, destruindo-se pelas próprias forças e contradições que o dinheiro e os bens materiais haviam criado",⁷⁶ com uma sociedade repleta de injustiças.

Uma dessas contradições e mazelas vincular-se-ia à propriedade da terra. O contraste se iniciaria com o estabelecimento de uma dicotomia entre proprietários de terras abastados e camponeses extremamente pobres.⁷⁷ O confisco de terras com a cumplicidade entre Estado,

⁷² CARVALHO, *Op. cit.*, p. 167.

⁷³ *Ibidem*, p. 139.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 71 e 72.

⁷⁵ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977, p. 69.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 84.

⁷⁷ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978, p. 134.

proprietários e polícia acabava por prejudicar os lavradores e beneficiava os mais ricos, graças a um ambiente geral de corrupção e descrédito.⁷⁸ Aqueles, obtinham facilidade no acesso ao crédito e exploravam “impiedosamente a gente humilde que não encontrava qualquer apoio oficial em suas reivindicações”,⁷⁹ provocando motivos reais para a revolta.

Ainda assim, o militar assinala que a resolução do problema não estaria nas mãos das “massas”. Os mesmos motivos que justificariam impor limites ao regime democrático colaborariam para que as mudanças sociais necessárias não fossem capitaneadas pelas massas ou mesmo pelos políticos. Esses, não apresentavam as qualidades para encaminhar as mudanças exigidas, visto serem, como assinalado acima, oportunistas, omissos e afeitos à corrupção. Já as massas seriam excessivamente “crédulas”, não confiáveis e despossuídas do grau de amadurecimento necessário para resistir às tentativas de manipulação comunista. O desconhecimento da realidade por parte dos setores populares acabava por levá-los a obedecerem àqueles que lhes faziam falsas promessas. Além disso, em função de agirem muito mais influenciados pela emoção e não pela razão, acabavam por possuir uma tendência natural à depredação e saque.

Os problemas sociais eram apresentados entrelaçados com o problema do “subdesenvolvimento” da Nação, na narrativa de Ferdinando de Carvalho. Uma perspectiva crítica em relação ao capitalismo advinha da ação exploradora que as nações mais “avançadas” realizavam sobre os outros países com o apoio de “uma minoria abastada”. “Enquanto parte de um “submundo massacrado”, certas regiões do mundo ansiavam por liberdade”⁸⁰ Em dado momento, um dos personagens de *Os Sete Matizes do Vermelho* assinala: “No Brasil, (...) nós não percebemos como estamos sendo explorados, porque o povo vem sendo espoliado há quatro séculos. Veja como todas as grandes empresas estão nas mãos dos estrangeiros ou de seus testas-de-ferro que nos procuram humilhar e escravizar.”⁸¹

O nacionalismo apresentaria conexão direta com essas questões. Por um lado, Carvalho caracterizava como falso o nacionalismo comunista, e a “dialética marxista-leninista” não representaria um “pensamento tipicamente nacionalista”, posto que mascarasse as bases do seu internacionalismo ancorado, por sua vez, no “internacionalismo operário”.⁸² Contudo, aponta que a luta para que “as nossas riquezas minerais não caíssem em mãos dos grandes trustes estrangeiros” seria idealista e sincera. Dessa forma, opõe um falso nacionalismo, de caráter comunista, a um nacionalismo legítimo, que viabilizasse o fim de uma “exploração de quatro séculos” ao país.

⁷⁸ CARVALHO, 1977, *Op. cit.*, p. 133.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 145.

⁸⁰ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977, p. 90.

⁸¹ *Op. cit.*, p. 107.

⁸² *Op. cit.*, p. 49 e 88.

Ainda nesse segmento, gostaria de assinalar algo que está presente nos "romances", mas que não são considerados nos escritos dos anos 1960. Refere-se ao que Carvalho parece considerar como "choque de modernidade", que vem a colaborar com o desajuste que determinados elementos estariam a sofrer em uma sociedade em constante transformação. Esse "choque" afetaria os oriundos do interior ou do campo, inseridos repentinamente no universo urbano.

O conflito entre uma cultura moderna e uma cultura tradicional provocaria o estranhamento em relação ao ambiente das cidades, com uma sensação de estarem fora do lugar, deslocados. Os primeiros dias em uma metrópole poderiam ser de "surpresas e decepções".⁸³ "Desumanas" e "agressivas" com suas "ilusivas atrações e os constantes perigos",⁸⁴ a cidade proporcionava um ambiente "constrangedor" e "massacrante", aspectos provocados pela multidão que ignora e "deprime" o indivíduo. A sensação de isolamento, apesar da multidão,⁸⁵ contribuiria para a solidão do indivíduo, situação da qual, nas palavras de Carvalho, somente a religião poderia nos retirar.

Considerações finais

Analisei aqui tão somente alguns dos trabalhos de Ferdinando de Carvalho que indicam os elementos componentes de seu pensamento político. Defensor de uma ordem política que fosse ainda mais restritiva que a então existente, privilegiava a preservação da "cultura ocidental" e apoiava o controle ainda maior das Forças Armadas para que medidas contundentes, estranhas aos "caminhos convencionais", fossem tomadas contra o "perigo vermelho". Subliminarmente, ao considerar que o contágio da subversão provocava danos irreparáveis, defendia o extermínio desses segmentos. A linearidade do pensamento de Carvalho, ao longo de quase duas décadas, indica que sua perspectiva rupturista e a adesão a processos violentos, com sua incorporação enquanto prática política, não eram eventuais, mas sim, componentes da sua cultura política de extrema-direita. Bem diferente, portanto, dos conservadores que, tal como assinala McGuee, adotavam a violência como opção somente de forma eventual, nos momentos de crise social aguda.⁸⁶

⁸³ *Op. cit.*, p. 46, 67 e 72.

⁸⁴ CARVALHO, Ferdinando de. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978, p. 19.

⁸⁵ CARVALHO, *Op. cit.*, 1977, p. 46, 85, 96, 131, 143 e 147.

⁸⁶ Sobre a aliança entre a extrema-direita e setores conservadores nos anos 1930 ver DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas - La extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005. e nos anos 1960, ver BROQUETAS, Magdalena. *La extrema Derecha uruguaya y sus redes transnacionales (década de 1960)*. In: BERTONHA, João F.; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule por la derecha - percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas*. Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016; e VICENTE, MARTIN. *América Latina según el liberal-conservadurismo argentino: entre la modernización, el pan-americanismo y la Doctrina de Seguridad Nacional*. In: BERTONHA, João F.; BOHOSLAVSKY, Ernesto (compiladores). *Circule por la*

Desenvolvendo certas críticas ao capitalismo, Carvalho reconhece a existência de desigualdades sociais, defendendo um reformismo autoritário encaminhado por setores das elites “responsáveis” que não provocassem o enfraquecimento das estruturas vigentes.

Seu nacionalismo, manifesto tanto nos escritos dos anos 1960, quanto nos “romances” aqui abordados, tendia a apoiar um controle maior da nação na geração e gestão de suas riquezas, proporcionando maior autonomia do país e sua saída do “subdesenvolvimento”. Esse, por sua vez, seria fruto de uma contínua exploração à que o país estaria submetido. O nacionalismo por ele defendido, contudo, encontrava limites dados pelo desenvolvimento da Guerra Fria. A relevância desses aspectos no pensamento político de Ferdinando de Carvalho pode ser observada pela reiteração com que esses aspectos aparecem nos seus escritos.

Importa, por último, assinalar que o nacionalismo de extrema-direita de Ferdinando de Carvalho encontrou ressonância em ambos os momentos abordados. As indicações recebidas para funções de destaque, o papel desempenhado na divulgação do anticomunismo, a liderança exercida quando do comando de IPM’s, o apoio dado pela direção da Bibliex e da ESG à difusão de suas ideias, assim como a ação no Grupo Secreto, são sinais da contribuição do militar para a permanência de um pensamento político de extrema-direita.

derecha – percepciones, redes y contatos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: Editora de la Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

Referências

Fontes

Carta do gov. de Pernambuco Paulo Pessoa Guerra ao presidente da República Castelo Branco, sobre a radicalização de alguns militares, datada de 15 de novembro de 1965. FGV - Acervo pessoal de Ant. Carlos Murici: Série Atuação Político Militar (1936-1979), código ACM 64.10.00 pm

CARVALHO, Ferdinando de. Casos Históricos de Guerra Revolucionária. In: *Revista Defesa Nacional*, n. 578 de set./out. 1962. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

_____. A Guerra Revolucionária comunista no Brasil. In: *A Defesa Nacional*, n. 597, set./out. 1964. Biblioteca Nacional, seção de periódicos.

_____. *Os Sete Matizes do Vermelho*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977.

_____. *Os Sete Matizes do Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1978.

_____. COSTA, Octávio; AGUIAR, Ernani d'. Murici. Antônio Carlos da Silva (Prefaciador). *A Guerra Revolucionária Comunista*. Recife: Editora Imp. Universitária, 1964.

_____. FROTA, Sylvio C. C. da (Cel.); GONÇALVES, Yves Murillo Cajaty (Cap MeG). Aspectos militares da Segurança Nacional. In: *Escola Superior de Guerra*, C2-02-64.

Bibliografia

ARAUJO, Maria P.. "Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970". In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de M.; QUADRAT, Samantha Viz. *Ditadura e Democracia na América Latina – balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ARGOLO, José A.; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luis A. M.. *A direita explosiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

AVRITZER, Leonardo. Cultura Política, atores sociais e democratização - uma crítica às teorias da transição para a democracia. In: 37º encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindoia, 2013. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_09.htm. Acesso em: 10 out. 2019.

BERTONHA, João F.; BOHOSLAVSKY, Ernesto (comp.). *Circule por la derecha. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016. 320 p. ISBN978-987-6302-39-5

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda – razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 1995.

BOHOSKAVSKY, Ernesto. Los ananás de Evita o el extraño caso de los peronistas. In: BOHOSKAVSKY, Ernesto y BERTONHA, João F. *Circule por la derecha – percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

BOHOSKAVSKY, Ernesto; GOMES, Gabriela. A outra juventude radicalizada - anticomunismo na Argentina e no Chile (1959-1973). In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, V. 9, nº 1 jan/jul, 2016.

BOISSARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina. In: *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p. 85-100, jan/abr/2014.

BORÓN, Atilio. *Estado, Capitalismo e democracia na América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003, 320p.

BROQUETAS, Magdalena. La extrema Derecha uruguaya y sus redes transnacionales (década de 1960). In: BERTONHA, João F. ; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule por la derecha – percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas*. Los Polvorines, Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

CHAVES, Eduardo dos S.. Memórias sobre a Ditadura civil-militar: discutindo o colaboracionismo. *OPIS, Catalão*, v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 125-150.

CHIRIO, Maud. A primeira linha dura do regime militar: trajetórias de oficiais do Exército nos anos 60 e 70. *Militares e Política*, n. 6 (jan.-jun. 2010), pp, 34-49.

DAGNINO, Evelina; OLVERA, Alberto J.; PANFICHI, Aldo (orgs.). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra; Campinas: Unicamp, 2006.

D'ARAUJO, Maria C. de; SOARES, Gláucio Ary D.; CASTRO, Celso. *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas - La extrema derecha em la Argentina, el Brasil y Chile*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

GARRETÓN, Manuel A.. Democratización y nuevas relaciones Estado-Sociedad en América Latina. In: GARRETÓN, Manuel A.; GUGLIANO, Alfredo Alejandro (orgs.). *Democracia en las Américas: desafíos, peligros, expectativas para el siglo XXI*. Pelotas: Educat, 2003.

KINZO, Maria D'Alva. A democratização brasileira – um balanço do processo desde a transição. In: *São Paulo Perspectiva*. vol.15 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 out. 2011.

MARTINS FILHO, João R.. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1969)*. São Carlos: UFSCar, 1996.

MENDES, Ricardo A. S.. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. In: *Revista Eletrônica da Anphlac*. Nº 8, 2009.

MENDES, Ricardo A. S. *Visões das Direitas no Brasil (1961-1965)*. 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. *Em guarda contra o Perigo Vermelho*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OKUNEVA, Ludmila. Democracia en América Latina: particularidades y contradicciones. In: GARRETÓN, Manuel A.; GUGLIANO, Alfredo A. (orgs.). *Democracia en las Américas: desafíos, peligros, expectativas para el siglo XXI*. Pelotas: Educat, 2003.

OLIVEIRA, Eliezer R.. *De Geisel a Collor: forças armadas, transição e democracia*. Rio de Janeiro: Papyrus, 1994.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Sandra R. B. da Silva. O anticomunismo do General Ferdinando de Carvalho no contexto da abertura política (1977-1978): uma (re)leitura de "Os Sete Matizes do Vermelho". Vitória da Conquista, *RBBA*, v.3, n.1, jun., 2014.

SOUZA, Sandra R. B. da Silva. *Os Sete Matizes do Rosa ou o mundo contaminado pela radiação comunista: homens vermelhos e inocentes úteis*. 2009. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Salvador - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador.

VICENTE, MARTIN. América Latina según el liberal-conservadurismo argentino: entre la modernización, el pan-americanismo y la Doctrina de Seguridad Nacional. In: BERTONHA, João F.; BOHOSLAVSKY, Ernesto (compiladores). *Circule por la derecha – percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*. Los Polvorines, Editora de la Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

WANSAN, Jaime. *Os expurgos da UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da ditadura civil-militar (1964-1969)*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.